

Uma análise evolutiva da obra de Jay Haley*

PAULO VITÓRIA **

INTRODUÇÃO

Uma ruptura epistemológica, em que se verifica a substituição de um paradigma desde o nível metafísico, mais abstrato, ao nível pragmático, acontece quando o novo paradigma resolve todos ou quase todos os enigmas quantitativos e qualitativos que se deparavam ao seu predecessor, isto é, quando o novo paradigma apresenta vantagens científicas indiscutíveis em relação ao anterior e quando, entre ambos, existe um tal grau de descontinuidade que são inconciliáveis (Kuhn, 1962).

A obra de J. Haley desenvolve-se no âmbito de um novo paradigma metafísico, tendo como base três referências distintas: os modelos convencionais de psicoterapia — o psicodinâmico, o Rogeriano e o comportamental; o trabalho em que Haley participou no âmbito do projecto do Menlo Park, vulgarmente conhecido por projecto Bateson, e o contacto directo de Haley com a obra e a prática de Milton Erickson. Uma quarta referência, mais tardia mas igualmente importante, é o trabalho de S. Minuchin e a terapia estrutural por este desenvolvida (influência que só se manifesta em 1976).

Mas analisemos, para já, as três primeiras referências da obra de Haley. Os modelos convencionais da psicoterapia são uma referência que se afirma pela negativa. Haley vai rejeitar todos os modelos apoiados numa perspectiva intra-individual de explicação do comportamento e vai propor um novo modelo, com base numa perspectiva interpessoal, inconciliável com a anterior, proclamando deste modo uma ruptura epistemológica no sentido que lhe dá Kuhn. Assim, as referências que faz aos modelos convencionais de psicoterapia são sempre para evidenciar as suas limitações e incoerências e para apresentar explicações alternativas mais adequadas, com base no modelo alternativo que apresenta.

O projecto Bateson é uma importante referência para Haley. Tendo como objectivo geral o estudo da comunicação, o trabalho acaba por conduzir os seus autores à conclusão que não se pode estudar o comportamento limitando as observações ao sujeito que se comporta. O comportamento refere-se sempre ao exterior do sujeito e o seu estudo tem de incluir este exterior. Surge assim uma perspectiva interpessoal ou relacional. Esta perspectiva identifica-se com modelos de carácter mais teórico que na altura Bateson procurava conciliar e integrar, como eram a teoria dos tipos lógicos de Russell, a teoria geral dos sistemas de Bertalanffy e o modelo cibernético de Wiener.

O trabalho de Erickson consistia numa prática clínica inovadora para a época, teorizada por ele

* Trabalho realizado no âmbito da Cadeira de Psicologia Social Clínica II da área de Psicologia Social da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (ano lectivo 87/88).

** Psicólogo Clínico, Membro da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.

com base na hipnose. Haley vai encontrar no trabalho de Erickson uma ilustração prática da nova perspectiva relacional a que o projecto Bateson havia chegado num nível teórico. Erickson era um terapeuta de grande renome, com uma enorme experiência, que havia chegado por outros caminhos a uma prática que tardava a definir-se no âmbito do projecto Bateson (as experiências clínicas do projecto não tiveram grande sucesso).

A construção de um novo paradigma em psicoterapia, integrando níveis teórico, metodológico e pragmático, consistia na articulação destes dois referenciais: o projecto Bateson e a prática clínica de M. Erickson. É isso, em nossa opinião, o que Haley faz quando escreve *Strategies of Psychotherapy* em 1973, onde elabora uma teoria geral da relação que descreve e explica o comportamento em moldes radicalmente inovadores. *Strategies of Psychotherapy* completa-se com uma aplicação dessa teoria aos comportamentos em geral, com particular ênfase na relação hipnótica, nos comportamentos e relações disfuncionais e na relação terapêutica.

O NOVO PARADIGMA SEGUNDO J. HALEY

«Relação» é um conceito que descreve um processo dinâmico explicativo do comportamento do ser humano. Não sendo directamente observável este conceito infere-se na «interacção», conceito de nível lógico inferior que se refere aos comportamentos de comunicação dos elementos (indivíduos) dum sistema relacional. Assim, a relação define-se e é definida pela interacção, esta directamente observável (comportamentos, comunicação).

Estes comportamentos apresentam redundâncias ou sequências, que vão ser o objecto de descrição e intervenção no modelo que Haley nos apresenta. A descrição e explicação em psicoterapia, com base em variáveis directamente observáveis, confere a este domínio de estudos um carácter mais objectivo (tal como a abordagem comportamental, mas esta numa perspectiva individual)

O comportamento de comunicação é altamente complexo, quer porque só por si comporta múltiplos níveis de mensagem quer porque é função de um contexto que também possui um elevado grau de complexidade. Esta característica do comportamento de comunicação presta-se a incongruências

em mensagens transmitidas em níveis diferentes ou incongruências relativamente ao contexto. Estas incongruências ou mensagens conflituosas são os paradoxos. Um sujeito que se confronta com uma situação deste tipo, à qual tenha de responder, verificará que não é possível fazê-lo, e resta-lhe uma de três hipóteses: sair da situação, metacomunicar explicitando o absurdo da situação ou responder como se não respondesse (negando o comportamento). Esta última alternativa é resposta típica do transe hipnótico, da conduta sintomática e das mudanças «espontâneas» em psicoterapia. Em qualquer dos casos, o comportamento do sujeito é controlado externamente por aqueles com quem se está a relacionar — hipnotizador ou terapeuta ou pessoa(s) significativa(s). Mas este controlo é exercido indirectamente através de manobras que Haley qualifica de estratégicas (esta uma razão para a abordagem de Haley ser genericamente designada Escola Estratégica).

No livro *Strategies of Psychotherapy*, a relação terapêutica está naturalmente em foco. Em nossa opinião, também a este nível Haley tem como objectivo apresentar uma teoria geral, agora da intervenção psicoterapêutica e da mudança por ela provocada. Parte do pressuposto de Erickson, fundamentado pela hipnose, que é sempre possível mudar um comportamento e portanto resolver um problema. Depois, definindo psicoterapia como um conjunto de técnicas — e alguma arte (1963, p. 234) — que se desenvolvem por definição no seio de uma relação interpessoal (1963, p. 4) com o objectivo de a controlar (1963, p. 15), vai procurar, à luz do seu modelo, «o que há de comum entre os diferentes métodos de intervenção terapêutica que justifique a mudança» (1963, p. 31).

Porque já escrevemos que Haley considera o seu modelo inconciliável com os modelos convencionais de psicoterapia, devemos agora observar que, segundo o autor, as grandes diferenças entre modelos distintos não são no nível prático mas no teórico (1963, p. 203) — «os modelos clássicos não descrevem o que acontece (nível fenomenológico) descrevem o que é suposto acontecer (...), mas se atendermos ao facto que na sala de terapia, praticada segundo métodos convencionais ou sistémicos, há sempre duas pessoas, então ambos começam a aproximar-se (1963, p. 204). Haley conclui, a respeito de uma teoria geral da mudança, que a sua causa reside no que todos os métodos psicoterapêuticos

têm em comum: os paradoxos terapêuticos que surgem nessa relação.

De uma teoria geral da mudança, baseada numa teoria geral da relação, ambas inovadoras, resulta a terapia estratégica. Esta designação começou por se referir à terapia praticada por Erickson, que Haley reconhece como pai desta abordagem (1973, p. 23). Caracteriza-a como a terapia em que o terapeuta dirige e controla o processo terapêutico e prevê uma abordagem particular para cada problema (1973, p. 21).

Esta definição de terapia estratégica será melhor compreendida recorrendo de novo ao conceito de «relação». Qualquer relação implica uma definição que designaremos de nível 1, consistindo em redundâncias e padrões que vão tomando forma na interacção, e uma definição de nível 2 que diz respeito à definição de quem define a relação, ou seja, de quem a controla. Uma relação disfuncional que se cristalice origina um sintoma com uma função negada nessa relação (uma forma de controlar a relação — a função — que é negada, apresentada como involuntária, incontrollável). Esta incongruência é o paradoxo de base na teorização do patológico em Haley. Nesta, o sintoma surge como uma estratégia de controlo indirecto da relação. Por outro lado, como já escrevemos, Haley considera que a causa fundamental da mudança é também um paradoxo — o contraparádoxo terapêutico — agora utilizado pelo terapeuta como estratégia de controlo indirecto da relação para assim cumprir o objectivo da terapia que é produzir a mudança. Estratégia é pois um conceito que caracteriza este novo modelo terapêutico que Haley nos propõe — estratégia para indirectamente dirigir e controlar a relação, quer esta seja disfuncional quer seja terapêutica.

Na psicoterapia uma consequência natural da nova perspectiva é uma mudança na unidade de intervenção, que passa do indivíduo com problemas para o conjunto de indivíduos que com ele mais significativamente se relacionam. Delimita-se assim um sistema de relações, que geralmente é a família desse indivíduo. Este sistema tem um funcionamento descrito através de um modelo cibernético que nos facilita a compreensão dos seus processos autocorrectivos, que são, nomeadamente, os padrões e regras dum sistema e também a resistência à mudança. Para vencer esta resistência na terapia, o primeiro passo deve ser construir um novo sistema

de relações que inclua o terapeuta e a família (o sistema terapêutico). Então o terapeuta poderá manobrar estrategicamente a relação, ou seja, dirigi-la e controlá-la de forma indirecta, para vencer a resistência e produzir mudança, o que implica aceitar e por vezes fomentar a conduta patológica (o paradoxo). No âmbito do modelo cibernético, pode dizer-se que o objectivo da intervenção terapêutica é metaregular o sistema familiar.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em 1963 Haley apresenta uma teoria geral da relação e uma teoria geral da mudança terapêutica, integrando as influências de Bateson e M. Erickson num trabalho de carácter predominantemente teórico. Em 1973 Haley desce ao nível pragmático e como que ilustra com casos práticos da clínica de Erickson e sua construção teórica de 1963. Mas para definição completa do novo paradigma faltava ao modelo de Haley um nível intermédio dos três níveis de eixo epistemológico vertical (teórico, metodológico e pragmático).

É o como fazer, a metodologia, que é o foco central do livro que Haley publica em 1976. Esta evolução de Haley não se pode alhear do contacto e colaboração que este manteve durante vários anos com S. Minuchin e a escola estrutural.

Na nossa opinião, este salto não representa uma ruptura. Haley vai integrar a sua anterior perspectiva com a estrutural, resultando daí um modo mais rico de ver e apresentar os problemas e a sua solução — é uma teoria (do disfuncional e da mudança) diferente, que se traduz numa nova forma de descrever a intervenção terapêutica. Mas é curioso notar que quase tudo o que pode parecer novo em 1976 já está presente em 1963, só que agora, nesta nova organização do modo de ver e apresentar problemas e sua solução, emergem novas pregnâncias. É esta ideia que vamos passar a desenvolver.

Uma certa confusão que se verificava em 1963 com o uso, indiscriminado e em diferentes níveis, dos conceitos «sequência», «estrutura», «padrões», «redundâncias», «regras» e «ciclos» é agora resolvida, através de uma diferenciação de três níveis de redundâncias:

a) Sequências de interacção, o nível menos abstracto, que se refere a redundâncias em comportamentos directamente observáveis. Corresponde

ao nível 1 de definição da relação, a que já nos referimos.

b) Hierarquia, num nível mais abstracto (já não é directamente observável), que se refere a redundâncias definidas por diferenciação de poder em variados domínios. Corresponde grosseiramente ao nível 2 de definição da relação — quem define a definição 1 ou quem controla.

c) Estrutura, no nível mais abstracto, que integra os dois anteriores. Aqui, «estrutura» tem, quanto a nós, um significado muito semelhante ao que lhe atribui Minuchin: «Conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interacção num sistema» (1974, p. 57). Estas exigências funcionais traduzem-se em redundâncias.

Com base neste modelo Haley teoriza a disfuncionalidade e a intervenção. A disfuncionalidade resulta de incongruências em qualquer dos três níveis, ou em vários, que se cristalizam tornando-se redundantes. A intervenção deve interromper estas redundâncias. Intervir terapêuticamente pressupõe discriminar uma sequência disfuncional com pelo menos três passos e uma hierarquia disfuncional com pelo menos três níveis — o triângulo perverso. Ao integrar uma sequência disfuncional com uma hierarquia disfuncional o terapeuta reúne as condições para elaborar uma estratégia terapêutica de modo a produzir a mudança (a metodologia).

A estratégia mais simples de concretizar é mudar uma sequência, (directamente observável — nível 1) impedindo as coalizões que transgridem as linhas de separações geracional (hierarquia).

Resolver o problema significa, em primeiro lugar, mudar o comportamento disfuncional, mas a mudança terapêutica deve ser nos três níveis de redundância a que nos referimos e pode ser desencadeada a partir de qualquer um deles. Mudar sequências de comportamentos e/ou intervir nas transgressões hierárquicas e/ou na estrutura implica produzir mudança nos outros níveis.

Analisemos ainda 1963 e 1973 v.s. 1976, no nível metodológico. Numa análise deste tipo é necessário considerar os objectivos de cada uma das obras, que nos parecem ser bastante diferentes. 1976 é o ano em que Haley dá mais ênfase ao como fazer, dedicando um capítulo à condução da entrevista, outro a como dar directivas, outro às etapas em terapia; apresenta ainda um vasto conjunto de princípios e regras terapêuticas, etc.

No capítulo referente às etapas em terapia surgem alguns aspectos inovadores na obra que analisamos. Etapas é um conceito central em 1976, que marca o estilo pedagógico e metodológico desta obra, e que nunca mais deixa de estar presente nos escritos de Haley. Este conceito é utilizado em diversas oportunidades, referindo-se nomeadamente ao processo terapêutico, à primeira entrevista, ao ciclo de vida, à intervenção paradoxal, às sequências ou ciclos, à mudança, etc. Neste capítulo de 1976 Haley refere-se à mudança terapêutica, usando o conceito «etapa» para algo mais do que sistematizar processos. Aqui «etapa» serve para exprimir um pressuposto original, que considera não se poder passar directamente de uma estrutura disfuncional para uma estrutura funcional. A estratégia terapêutica deve ser definida tendo em conta este pressuposto e prevendo estruturas disfuncionais intermédias, mais ou menos patológicas que a inicial, pelas quais a família vai passar antes de chegar a uma estrutura funcional.

Ainda a respeito do conceito «etapa», pensamos que através dele «estratégia» adquire uma nova dimensão, mais metodológica do que em 1963, e que se demarca do que neste conceito se refere à escola estratégica de terapia familiar (muito próximo da forma como Haley usava «estratégia» em 1963). Esta dimensão metodológica do conceito «estratégia» poderá traduzir-se como um plano do plano ou uma meta estratégia de intervenção.

Um conceito fundamental em 1976 é o de «triângulo perverso» que, como já referimos, designa a integração de uma sequência com pelo menos três passos e uma hierarquia com pelo menos três níveis. O «triângulo perverso» torna-se a unidade de conceptualização da patologia e da intervenção.

Um triângulo supõe uma tríade de indivíduos envolvidos numa relação. Por este motivo, é agora claro que, para Haley, «interpessoal» não se refere a um mínimo de dois indivíduos em relação, (a díade hipnotizador-hipnotizado, a díade terapeuta-clientes), mas a um mínimo de três indivíduos em relação.

Num artigo que publica em 1985, ao analisar a evolução das teorias em terapia, Haley dá grande importância a esta questão, considerando que a passagem da díade para a tríade implica uma ruptura teórica, tal como aconteceu antes, quando se passou do intra-individual para o interpessoal (díade). A díade caracteriza a primeira fase do desenvolvi-

mento da perspectiva interpessoal, que se foi inspirar na relação hipnótica para teorizar acerca da relação terapêutica. A tríade caracteriza a segunda fase da perspectiva interpessoal, possibilitando uma conceptualização estrutural da intervenção terapêutica (introdução de conceitos como alianças e hierarquia). Haley avança mesmo que se começa a verificar uma tendência para passar da tríade ao pentágono, cujos vértices seriam: três elementos do sistema familiar em triangulação, o terapeuta e o supervisor.

Num nível mais pragmático, verifica-se que em 1963 e 1973 são apresentadas um conjunto de técnicas que surgem como instrumentos para lidar com a resistência do sistema à mudança, aspecto que é atribuído muito pouca relevância em 1976. Pensamos que esta constatação ilustra uma importante alteração no foco de investigação em terapia familiar sistémica, que alguns autores denominam a passagem da cibernética 1 para a cibernética 2 (Sluzki, 1985). A cibernética 1 enfatizava a importância da homeostase e a investigação focava-se aí, o que se traduz na obra de Haley pela relevância que é dada à resistência à mudança do sistema. A cibernética 2 enfatiza «os processos sistémicos de mudança (...) numa visão homeodinâmica dos processos sistémicos» (Sluzki, 1985).

Quanto às técnicas em si, não nos parece que se possam registar grandes inovações em 1976. Mesmo algumas, de carácter mais estrutural, como fazer alianças com certos membros da família ou seus subsistemas para produzir mudança, já estão presentes em 1963 (p. 205) embora conceptualizadas doutra forma.

Também o paradoxo está presente em 1976 (e sempre na obra de Haley), embora agora com menos relevância. Haley usa muito, nesta obra, o conceito de «incongruência» no sentido que dava em 1963 a «paradoxo», talvez porque este conceito se adequa ao que Haley entende por triângulo. O conceito «paradoxo» descreve a disfuncionalidade nas sequências, mas não se adequa tão bem à disfuncionalidade nas hierarquias, enquanto o conceito «incongruência» se adequa à descrição dos dois tipos de disfuncionalidade.

Metáfora, pelo contrário, assume agora mais relevância como técnica (a ambiguidade já referida em 1963) e como forma de entender o sintoma (teoria do patológico), como que sendo depositária em 1976 de uma parte da grande importância que era dada

em 1963 à comunicação. Pensamos que esta especificação é importante, porque em 1963 «comunicação» é um conceito com um carácter demasiado vago.

A formação do sistema terapêutico como pré-requisito para a intervenção, ideia que caracteriza o trabalho de Minuchin, que a exprime pelo conceito de «união», está também presente em toda a obra de Haley desde 1963 (pp. 16, 201 e 233). Haley escreve mesmo que no sucesso terapêutico é mais importante a relação que se estabelece entre o terapeuta e o cliente (indivíduo ou família) do que as técnicas ou modelos utilizados (1963, p. 16).

Também em 1963, como nas obras seguintes, Haley explicita uma dificuldade muito sentida por quem quer descrever o desempenho do terapeuta numa sessão de terapia. Há aí algo de indizível que se exprime normalmente através de conceitos como «arte», «intuição», «espontaneidade», «naturalidade»,.... Haley dá tanta importância a este fenómeno que escreve: «Por muito que se fale em técnica, a psicoterapia continuará a ser uma arte» (1963, p. 234). Esta qualidade do terapeuta, no contexto da obra de Haley, evoca sempre M. Erickson.

O CICLO DE VIDA E O INTERSISTÉMICO

O estudo do comportamento numa perspectiva relacional não se pode limitar a um sistema de relações restrito como as que dizem respeito a um indivíduo. Além da família, dos amigos, do trabalho, ..., qualquer indivíduo está integrado num sistema sócio-cultural mais vasto: a região, o país, a cultura ocidental.... Os padrões e normas destes supra-sistemas são factores considerados na perspectiva sistémica.

Um dos focos do trabalho de J. Haley a este nível é o ciclo de vida da família, presente em todos os seus livros (principalmente em 1973 e 1980). Descreve o processo universal do comportamento da família que é determinado por um misto de factores bio-psico-sociais e que deve ser sempre uma referência presente na terapia.

Em *Leaving Home*, escrito em 1980, Haley trata um problema muito delimitado que resulta fundamentalmente das dificuldades da família em ultrapassar uma etapa do seu ciclo de desenvolvimento — a altura dos filhos saírem de casa. Estas dificuldades traduzem-se em patologias várias nos jovens, muitas das quais se tornam crónicas, envol-

vendo sistemas institucionais como a prisão ou o hospital psiquiátrico. Esta perspectiva intersistémica que Haley traduz no conceito «ciclo família — instituição» é um dos aspectos inovadores nesta obra de Haley.

De resto, é utilizado aqui o sistema teórico que tinha sido desenvolvido em 1976. O conceito de hierarquia surge em 1980 ainda mais em destaque: a incongruência hierárquica é a forma privilegiada de patologia, e o objectivo mais imediato da terapia é repor essa hierarquia. Um objectivo mais vasto é promover a autonomia do jovem em relação aos pais, ajudando a família a ultrapassar com sucesso este estádio do seu desenvolvimento.

A «ORDÁLIA»

A última obra de Haley, *Ordeal Therapy* (1984) é, de certo modo, um regresso às origens. Haley retoma a teoria de mudança terapêutica apresentada em 1963, para a reconstruir com base num único conceito original — «ordália». Este conceito vem ocupar o papel que «paradoxo» tinha em 1963. Mas não é uma substituição sem mais. Em nossa opinião o conceito «paradoxo» sofreu um grande desgaste na obra de Haley e também na terapia familiar sistémica, o que tornou difícil precisar os seus limites. «Ordália» é um conceito novo, que proporciona ao autor a oportunidade de tornar mais claras as suas ideias. Através deste conceito exprime-se uma situação que se torna mais penosa do que aquela em que o sistema familiar já se encontra, e que provoca mudança e explica a mudança. Assim, «ordália» é simultaneamente uma técnica e uma teoria de mudança. A situação terapêutica só por si, independentemente do modelo nela utilizado, já é uma «ordália», o que pode bastar para que se verifique a mudança. Outras técnicas usadas por diferentes modelos de terapia pode ser conceptualizado como uma «ordália», construindo-se assim uma teoria geral da mudança que abrange qualquer modelo de terapia, desde os convencionais aos sistémicos.

«Ordália» vem substituir o conceito «paradoxo» nesta função, mas este conceito continua presente, agora com o sentido mais específico que lhe era atribuído desde o tempo de Bateson. Uma última observação a respeito deste novo conceito: ele vem recuperar o conceito «controlo», também fundamen-

tal em 1963. A «ordália» como técnica só será eficaz se o terapeuta tiver controlo da situação. Mas a relação terapêutica, como está instituída, confere, à partida, esse controlo ao terapeuta e facilita o seu trabalho.

Pensamos que 1984 é a resposta clara à questão acerca de uma eventual ruptura na obra de Haley, que teria como marco 1976. O que escrevemos até aqui leva-nos a concluir que Haley estratégico e Haley estrutural não são inconciliáveis, e é a sua própria obra que o demonstra.

O TRABALHO DE HALEY COMO UMA INTEGRAÇÃO DAS ESCOLAS ESTRATÉGICA E ESTRUTURAL

Este tema ocorreu-nos pela necessidade que sentimos de reflectir a propósito da seguinte questão: Haley é simultaneamente referido como um dos autores mais importantes de duas escolas delimitadas no domínio da terapia familiar sistémica, a estratégica e a estrutural. Existiram dois Haleys? A nossa opinião é que existe apenas um Haley cujo percurso culmina na integração de ambas as escolas numa terceira — escola Haley. Este carácter integrador da obra de Haley presta-se a que ela seja referida ao mesmo tempo como estrutural e estratégica, e torna o autor único e dos mais interessantes no domínio da terapia familiar.

Se nesta perspectiva analisarmos a evolução do autor, concluímos que *Problem Solving Therapy* é a sua publicação fundamental. Pode defender-se que este é um trabalho estrutural e que resulta numa ruptura com o que até aí havia sido produzido por Haley. É ele que chega a sugeri-lo quando, num artigo publicado em 1985, considera que a passagem de uma perspectiva diádica (em que se situam os seus trabalhos de 1963 e 1973) para uma perspectiva triádica (1976) implica uma ruptura. Mas, em nossa opinião, 1976 representa uma integração (e não uma ruptura) das duas perspectivas numa terceira, que é própria de Haley, e que se caracteriza principalmente pela articulação de três níveis da concepção-tualização e de intervenção — o das sequências comportamentais, o das hierarquias e o da estrutura — num nível superior que integra os dois anteriores. Note-se que o primeiro destes níveis corresponde mais à perspectiva estratégica e os outros dois mais a perspectiva estrutural.

Esta evolução em Haley é teórica, isto é, na forma de descrever e explicar as relações «normais», patológicas e terapêuticas. A nível dos procedimentos e técnicas utilizadas na intervenção o que nos parece é que se pode considerar que de 1963-1973 para 1976 não há inovações, mas novas pregnâncias, resultado da nova forma de descrever e explicar.

A leitura de alguns artigos que abordam este assunto fez-nos sentir que a conclusão a que aqui chegamos pode ser polémica. A opinião unânime é que a integração entre as escolas estratégica e estrutural não é possível em toda a amplitude do eixo epistemológico vertical.

J. Roberts (1985) considera que cada modelo de terapia familiar tem as suas próprias teorias acerca da mudança, das conexões entre os diferentes sistemas, acerca da difuncionalidade e da intervenção, Daí que a maioria dos autores concordará com Stanton (1981) quando este conclui ser muito difícil integrar os modelos estratégicos e estrutural num nível teórico. Keeney (1979, cit. in Stanton, 1981) e Sluzki (1983) notam que esta dificuldade resulta fundamentalmente da ênfase estratégica no temporal (as sequências interaccionais ou processos), e da ênfase estrutural no espaço (hierarquias ou estrutura).

Já a integração num nível pragmático ou num nível epistemológico elevado parece não ser difícil (ver por exemplo Stanton, 1981; Sluzki, 1983). Stanton (1981) propõe uma integração sequencial dos dois modelos num nível pragmático, mas sem que qualquer deles perca a sua identidade. Este trabalho foi criticado (Lidle, 1984; Frazer, 1982; in J. Roberts, 1985), e as vantagens de um trabalho deste tipo foram postas em causa (Mackinnon e Slive, 1984; Loyne, 1984; in J. Roberts, 1985). Sluzki (83) defende que os modelos (estratégico, estrutural e Milão) estão naturalmente integrados num nível profundo ou epistemologicamente elevado (a mesma raiz sistémica) e num nível superficial ou próximo da realidade que descrevem, que é a mesma (a dinâmica do sistema familiar). Num nível intermédio verificam-se descontinuidades, diferentes formas de pontuar a realidade, mas estas não significam que os modelos sejam mutuamente exclusivos. Sluzki conclui que a estrutura e o processo são um par dialético.

Este trabalho de Sluzki é o único que conhecemos que procura uma integração em todo o eixo epistemológico vertical. Como todos os outros, Sluzki parte de uma análise de cada uma das escolas

de terapia familiar sistémica, e, no seu trabalho, Haley surge como referência quer da escola estrutural quer da escola estratégica.

O nosso trabalho parte de uma perspectiva diferente. Não utilizamos escolas, mas a obra global e a evolução de Haley e parece-nos ser de concluir que, embora tal não seja explicitado, ela culmina na integração das perspectivas estrutural e estratégica em toda a amplitude do eixo epistemológico vertical.

REFERÊNCIAS

- COLAS, Y (1980) — «L'Arrivé des therapies Systémiques», in *Cadernos de Psicologia Social* nº 1. Lisboa, Associação Portuguesa de Terapia Familiar e Comunitária.
- BODIN, A. M. (1981) — «The Interaccional View: Family Therapy Approaches of Mental Research Institute», in *Handbook of Family Therapy*, New York, Brunner/Mazel Coop, 267-309.
- GONÇALVES, P. (1986) — «Psicoterapias Familiares», in J. C. Dias Cordeiro (eds.), *Manual de Psiquiatria*, Lisboa, F. Gulbenkian.
- HALEY, J. (1963) — *Estratégias en Psicoterapia*, Barcelona, Ed. Toray
- HALEY, J. (1973) — *Uncommon Therapy: The Psychiatric Techiques of Milton H. Erickson*, New York, W. W. Norton.
- HALEY, J. (1976) — *Nouvelles Strategies en Therapie Familiale*, Paris, ed. Universitaires, 1979.
- HALEY, J. (1980) — *Leaving Home: The Therapy of Disturbed Young People*, New York, Mc Graw-Hill.
- HALEY, J. (1984) — *Ordeal Therapy*, San Francisco, Jossey - Bass Coop.
- HALEY, J. (1985) — *Therapie Strategique. Formation et Pratiques en Therapie Familiale*, Mony Elkaïn (eds.), Paris, Les edicions ESF, pp. 87-106.
- STANTON, M. D. (1981) — «An Integrated Structural/Strategic Approach to Family Therapy», in *Journal of Marital and Family Therapy*, 7, 427-439.
- STANTON, M. D.; TODD, T. C. e cols. (1982) — *The Family Therapy of Drug Abuse and Addiction*, New York, The Guilford Press
- STANTON, M. D. (1986) — «Strategic Approaches to Family Therapy». Gurman e cols. (eds.), in *Handbook of Family Therapy*, New York, Brunner - Mazel Coop, 361-402.
- SLUZKI, C. E. (1983) — *Para uma Visão Integrada de Modelos Sistémicos na Terapia Familiar*, (na posse da SPTF e por publicar).

- UMBARGER, C. (1983) — *Structural Family Therapy*, New York, Grune e Stratton.
- WALDEGRAVE, C. (1984) — «The Butchers, an eclectic approach to family Therapy», in *Journal of Family Therapy*, vol. 6 247-263.
- WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. (1967) — *Pragmática da comunicação humana*, Rio de Janeiro, ed. Culturix, 1976.
- HOFFMAN, L. (1981) — «Ecological, Structural and Strategic Approaches», in *Foundations of Family Therapy: a conceptual framework for Systeme Change*, New York, Basic Books.
- KUHN, T. (1962) — *The Structure of Scientific Revolution*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LEBOW, J. L. (1987) — «Developing a Personal Integration In Family Therapy Principles For Model Construction And Practice», in *Journal of Marital and Family Therapy*, vol. 13, 1: 1-14
- MINUCHIN, S. (1974) — *Famílias, Funcionamento e Tratamento*, Porto Alegre, ed. Artes Médicas, 1982.
- MINUCHIN, S.; FISHAM, H. C. (1981) — *Técnicas da Terapia Familiar*, Barcelona, Ed. Paldos, 1984.
- PINA PRATA, F. X. (1962) — «O Limiar Epistemológico», in *A Dialéctica da Razão Vital*, Lisboa, Moraes eds.
- PINA PRATA, F. X. (1984) — «Terapia por Etapas (Jay Haley) e Terapia Sistémica por Ciclos de Interface», in *Cadernos de Psicologia Social Clínica*, nº 3, Lisboa, Associação Portuguesa de Terapia Familiar e Comunitária.
- ROBERTS, J. (1986) — «An Evolving Model: Links Between the Milan Approach and Strategic Model of Family Therapy», in *Journeys: Expansions of the Strategic-Systemic Therapies*, Brunner-Mazel, (eds.).

RESUMO

Este texto apresenta uma análise da evolução do trabalho de J. Haley tendo como base duas questões de fundo:

— Num nível metaparadigma sistémico, Haley como um dos principais artífices da articulação dos diferentes níveis epistemológicos do novo paradigma, da sua integração como um todo, da sua afirmação como tal, e do seu desenvolvimento no domínio da terapia familiar sistémica.

— Num nível intraparadigma sistémico, Haley como o autor de charneira entre a 1ª geração de terapeutas familiares e suas escolas. Haley trabalha directamente com Bateson, D. Jackson, M. Erickson, com o M. R. I. e com Minuchin, cria a escola estratégica, integra a escola estrutural e é referência das duas. Haverá unidade e coerência na obra de J. Haley? Que nos pode dar uma análise da evolução da sua obra para a compreensão da evolução da terapia familiar sistémica?

ABSTRACT

This article presents an evolution analysis of the work done by J. Haley considering two main points:

— At a meta-paradigm level, Haley as a craftsman of the new paradigm's epistemologic levels, was responsible for its integration as a whole and mastered the development of the Family therapy field.

— At an intra-paradigm level, Haley was responsible for merging the first generation of family therapists. He worked directly with Bateson, D. Jackson, M. R. I. and Minuchin, creating a strategic approach, integrating the structural approach and becoming reference to both.

Will there be unity and coherence in the work of J. Haley? Will it be able to give us an evolution analysis of his work in order to obtain a clear understanding of the evolution of the systemic models in family therapy.